

HARLEQUIN®

# Sabrina®



Michelle Smart  
PAIXÃO NA SICÍLIA

Sabrina®

## PAIXÃO NA SICÍLIA

Michelle Smart





Editado por Harlequin Ibérica.  
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.  
Núñez de Balboa, 56  
28001 Madrid

© 2019 Michelle Smart  
© 2022 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.  
Paixão na Sicília, n.º 1877 - janeiro 2022  
Título original: The Sicilian's Bought Cinderella  
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.  
Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais), feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1105-415-7

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

# Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

# Capítulo 1

Dante Moncada sentou-se junto do motorista do veículo e dois dos seus homens acomodaram-se no banco de trás. Tinha pressa, porque alguém entrara na velha casa que pertencera à sua família durante várias gerações.

Enquanto o motorista conduzia pelas ruas estreitas de Palermo, Dante lembrou-se de uma conversa que tivera nesse mesmo dia: Riccardo d'Amore, chefe do clã dos D'Amore, rejeitara o acordo que estivera a negociar com o seu filho mais velho, Alessio. Aparentemente, não queria que a sua reputação duvidosa danificasse a imagem da sua empresa.

Reputação duvidosa? Dante estava tão zangado que sentiu o desejo de dar um murro no tabliê. De onde vinha esse comentário? Sim, era verdade que gostava de festas, de mulheres e de vinho, mas isso não tinha nada de particular. Além disso, não jogava, não se drogava e, é claro, evitava os círculos onde o narcotráfico e a venda de armas se consideravam negócios aceitáveis.

Geria um negócio legítimo, sem as zonas sombrias de alguns empresários sicilianos. As suas mãos estavam limpas, literal e metaforicamente falando. Trabalhava arduamente e conseguira fazer com que uma pequena empresa tecnológica se transformasse numa corporação internacional cujas contas teriam resistido ao mais desconfiado dos auditores.

No entanto, Dante suspeitava que Riccardo não rejeitara o acordo por algo relacionado com a legitimidade do seu negócio. Os D'Amore tinham desenvolvido um sistema de segurança para telemóveis que superava os da concorrência e Dante estava prestes a assinar um acordo de exclusividade para o instalar nos seus telemóveis e computadores. Porque haveriam de o rejeitar então, se teria sido benéfico para ambas as famílias?

Só podia haver uma razão: A má fama dos seus pais.

A morte recente de Salvatore Moncada não limpou a sua reputação de mulherengo e jogador empedernido e a imagem de Immacolata não melhorava as coisas, porque as pessoas a conheciam como a Viúva Negra.

Dante sempre achara que era uma alcunha injusta. Porque lhe chamavam assim, se não era uma assassina? A única coisa que a mãe fazia era tirar dinheiro aos maridos quando se divorciava deles. Começara a sua carreira com Salvatore e, como já ia no quinto, tinha tanto dinheiro que vivia como uma rainha.

Pelo contrário, Riccardo era um homem tradicional em todos os sentidos. Tinha onze filhos da mesma esposa, porque só se casara uma vez, e pensava que o jogo era uma invenção do diabo e que o sexo era pecado quando se praticava fora do casamento.

Dante amaldiçoou-o para si. O patriarca dos D'Amore estava preocupado com a possibilidade de ter saído aos seus pais. Achava que ia manchar a reputação da Amore Systems e levava a sua desconfiança a tal extremo que, não contente com acabar o acordo que tinham negociado, começara a conversar com o seu principal rival.

Se não conseguisse convencê-lo de que era um homem respeitável, perderia uma grande oportunidade empresarial. Contudo, ainda não jogara a sua última carta. Demonstrar-lho-ia durante o iminente casamento de Alessio.

Perdido nos seus pensamentos, demorou uns segundos a aperceber-se de que o motorista parara o veículo na clareira do bosque denso que rodeava a casa de campo da sua família. E, a poucos metros de distância, astutamente escondido entre as árvores, havia um pequeno utilitário.

Dante pegou no taco de basebol que estava por baixo do banco, com a esperança de não ter de o usar. Depois, saiu do carro com os seus guarda-costas e aproximou-se do edifício desmantelado ao abrigo do bosque, para que não os vissem. A noite era fresca e teve de esfregar os braços para aquecer. O eco do inverno, que fora particularmente difícil, continuava a flutuar no ar.

Enquanto andava, apercebeu-se de duas coisas: A primeira, que todas as venezianas estavam fechadas e, a segunda, que alguém acendera a lareira velha, algo evidente pelo fumo que saía pela chaminé. Marcello, o supervisor da propriedade, tinha razão. Alguém entrara.

Dante e os seus homens pararam à porta e tentaram abri-la, mas estava trancada. Estranhando, pegou na chave, pô-la na fechadura e, depois de a virar, empurrou. O barulho das dobradiças enferrujadas causou-lhe um calafrio e entrou na casa pela primeira vez desde a sua adolescência, quando levava lá as namoradas.

O interior era mais pequeno do que recordava. As luzes estavam acesas e, depois de dar uma olhadela ao seu redor em busca de possíveis danos, viu que a janela da cozinha estava partida e que alguém a tapara com um cartão. Pelos vistos, o intruso entrara por ali. Mas tudo o resto estava bem, o que parecia indicar que a pessoa em questão não era um ladrão ou um vândalo.

A única coisa que não encaixava na imagem era o monte de livros que estava em cima da mesa, um detalhe que o perturbou. E, ainda estava a pensar em como eram incongruentes, quando ouviu passos no andar de cima.

Agarrando o taco de basebol, indicou aos seus homens que o seguissem e começaram a subir a escada, cujas

tábuas não paravam de ranger. Poderia ter deixado o assunto nas mãos dos seus guarda-costas, mas queria ver a cara do tipo que tivera o atrevimento de entrar na propriedade. Seria algum dos seus muitos inimigos? Ou um simples vagabundo?

A primeira coisa que pensou ao abrir a porta do quarto foi que o intruso os ouvira e fugira pela janela. E não pensou em mais nada, porque uma mulher saiu subitamente da casa de banho e se precipitou para ele aos gritos e a segurar o que parecia ser o chuveiro.

Antes de o objeto bater na cabeça de Dante, um dos guarda-costas agarrou-a e imobilizou-a com os seus braços fortes. Por sorte, Lino era um homem rápido.

Completamente perplexo, olhou para a intrusa. Quem teria imaginado que seria uma mulher? Usava um robe castanho e não parava de dizer palavrões em inglês, embora o seu olhar fosse de pânico.

- Larga-a! - ordenou a Lino.

O guarda-costas obedeceu e ela recuou como se estivesse cheia de medo, o que não tinha nada de particular. Afinal de contas, Lino, Vincenzo e ele próprio eram homens tão altos como imponentes.

- Vão-se embora - declarou. - Esperem lá em baixo.

Os seus guarda-costas franziram o sobrolho, mas sabiam que discutir com ele era inútil, portanto, foram-se embora. Além disso, a intrusa não era um perigo. Só teria sido se tivesse uma pistola e o simples facto de o ter atacado com um chuveiro demonstrava que não tinha armas.

Dante deu um passo para ela, repentinamente consciente do seu cheiro suave a flores. A mulher encostou-se contra o canto, quase a ofegar. Era uma jovem de vinte e poucos anos, esbelta, de estatura pequena e com a cara cheia de sardas. Não pôde distinguir a cor do seu cabelo, porque estava molhado, mas qualquer um teria percebido que era linda.

- Quem és? - perguntou-lhe, na sua língua.

Ela não disse nada.

- O que fazes aqui?

Ela manteve-se em silêncio.

- Sabes que entraste numa propriedade privada, não é? - continuou Dante. - A casa está vazia, mas é minha.

A jovem fixou os seus olhos estranhos e belos nele e ele percebeu que já não estava assustada, mas zangada.

- É tua? É um corno! - exclamou, com um sotaque irlandês forte. - A casa faz parte da herança do teu pai e devias partilhá-la com a tua irmã.

Dante quase perdeu a calma. De onde vinha aquilo? Seria outra charlatona das que fingiam ser filhas de Salvatore Moncada para ganhar um bocadinho da sua fortuna? O pai só morrera há três meses, mas já tinham aparecido oito ou nove mulheres com a mesma história.

- Se tivesse uma irmã, adoraria partilhar a herança com ela, mas...

- Se tivesses? - interrompeu-o ela. - Tens e posso prová-lo.

A julgar pelo seu tom de voz, Dante soube que estava a falar a sério e ficou sem fala. Seria possível que aquela mulher incrivelmente sensual estivesse realmente convencida de que era a sua irmã?

Aislin vira muitas fotografias do siciliano que tentava negar-lhe o que era dela, mas não lhe faziam justiça.

Era muito mais alto do que pensava e de cabelo mais encaracolado e mais escuro. Tinha um corpo escultural e, embora não se tivesse barbeado, a sombra da sua barba não escondia a perfeição dos seus lábios apetecíveis. E o que dizer daqueles olhos verdes que a observavam com uma mistura de desgosto e incredulidade?

Era o homem mais bonito e mais sensual que alguma vez vira. De facto, gostou tanto que fechou o robe um pouco

mais, porque a intensidade do seu olhar fazia com que se sentisse maravilhosamente nua.

Pelos vistos, a sorte não estava do seu lado. Estava há dois dias na casa, à espera que alguém reparasse na sua presença e avisasse Dante Moncada. Mas quem lhe teria dito que apareceria enquanto estava no duche? A sua intenção de dar uma impressão fria e serena desaparecera por completo. Até tentara atacá-lo!

- Achas que és minha irmã? A sério? - perguntou ele, arqueando uma sobrancelha.

Ela ergueu o queixo, tentando esconder o seu desconforto.

- Se deixares que me vista, posso explicar-te tudo - respondeu. - Os armários da cozinha estão cheios de café.

Dante deu uma gargalhada de surpresa.

- Entras em minha casa e queres que te faça um café?

- Só estou a pedir-te para me dares um instante de privacidade para que possa vestir-me e falar sobre a herança com que queres ficar - afirmou ela. - Quanto ao café, disse-o para o caso de queres beber um... mas, se vais fazê-lo, bebo-o com leite e uma colher de açúcar.

Observou-a de cima a baixo, devorando-a com os olhos.

- Está bem, veste-te - concedeu.

Dante saiu do quarto e fechou a porta, deixando-a com falta de ar. Sentia-se como se o oxigénio tivesse desaparecido do quarto e só restasse o cheiro do seu perfume, tão sensual como o homem que o usava.

Enquanto tentava acalmar-se, vestiu a roupa interior, umas calças de ganga e uma camisola prateada. Depois, entrou na casa de banho, passou os dedos pelo cabelo e, depois de respirar fundo, saiu do quarto, convencida de que estava preparada para o enfrentar. De facto, preparara-se para qualquer eventualidade, embora tivesse acelerado as coisas quando soubera que Dante vendera os quarenta hectares de Florença e ficara com os lucros.

No entanto, tinha de recuperar o aprumo. Dante não era um tipo qualquer, mas um que se tornara multimilionário com o seu esforço e talento e que era capaz de roubar à própria irmã a parte da herança que lhe correspondia.

Ao chegar ao andar de baixo, descobriu que se sentara numa das duas poltronas velhas e que estava a olhar para os seus livros da universidade. Na mesinha, havia duas chávenas de café. E os seus guarda-costas tinham desaparecido.

Dante esperou que se sentasse e, a seguir, semicerrou os olhos, passou um dedo pelo livro que tinha na mão e disse:

- Fala-me de ti, Aislin O'Reilly.

- O meu nome não se pronuncia Ass-lin, mas Aislin.

Ele bateu com o livro na mesa, assustando-a.

- Afirmas que és a minha irmã e quero saber coisas sobre ti - insistiu. - Prova-me que é verdade.

Aislin cruzou as pernas.

- Não sou tua irmã. A tua irmã é a Orla, a minha meia-irmã - corrigiu. - Estou aqui em representação dos seus interesses.

Ele franziu o sobrolho.

- A tua meia-irmã?

- Sim, somos filhas da mesma mãe - disse a jovem. - E a Orla e tu, do mesmo pai.

Dante tranquilizou-se notavelmente ao saber que aquela maravilha de mulher não era sangue do seu sangue, porque o simples movimento das suas ancas o enlouquecia. Admirara o seu corpo quando descia pela escada e ficara gelado ao pensar que podia estar a desejar a sua irmã.

- Sim, mas onde estão as provas?

- Se esperares um instante, posso mostrar-tas.

Aislin levantou-se, entrou na cozinha pequena, abriu a mala que deixara na bancada e tirou um envelope que lhe deu alguns segundos depois.

- É a certidão de nascimento da Orla - anunciou.

Dante leu o conteúdo do envelope. Efetivamente, era uma certidão de nascimento. Fora expedida há vinte e sete anos e incluía o nome dos pais do bebê: Sinead O'Reilly e Salvatore Moncada.

No entanto, isso não provava nada. Podia ser uma falsificação e também havia a possibilidade de a mãe de Aislin ter mentido sobre a identidade do pai.

Então, percebeu que o envelope continha mais alguma coisa: Uma fotografia.

Dante, que não queria vê-la, pegou nela, contrariado. Era uma jovem com um bebê ao colo. Uma jovem e um bebê com um cabelo tão encaracolado como o seu e da mesma cor, castanho-escuro.

Contudo, essa não era a única coincidência, porque os olhos da mulher também tinham o mesmo tom verde.

## Capítulo 2

Dante ficou tão pálido que Aislin quase sentiu pena dele. No entanto, já tinha bastante com a sua própria confusão. Estava tão nervosa que, quando pegou na chávena de café, as mãos tremeram-lhe. E não era para menos, tendo em conta que a situação delicada podia acabar num confronto desagradável.

Se fosse por ela, nem sequer se teria dado ao trabalho de viajar para Itália, mas tratava-se de Orla, que precisava do dinheiro para comprar uma casa onde pudesse criar Finn, porque o pequeno não era precisamente normal. Estivera vários meses numa incubadora e, embora tivesse sobrevivido às suas complicações pulmonares, tinha sequelas que o acompanhariam para o resto da sua vida.

Aislin, que amava o sobrinho com toda a alma, tentara comunicar-se com Dante, mas o advogado interpunha-se sempre no seu caminho e, no fim, perdera a paciência e apanhara um avião para a Sicília para falar com ele pessoalmente. Quem ia dizer-lhe que o seu serviço de segurança a impediria de o ver? Fora por isso que entrara na casa de campo. Era a única forma de chamar a sua atenção.

Ao fim de uns segundos, Dante desviou o olhar da fotografia e fixou-o nos seus olhos.

- Não sei nada sobre esta mulher - declarou. - O meu pai teve muitas amantes e, para o caso de ser pouco, há sempre alguém que tenta passar por filho dele para pôr as